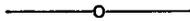


A IDADE MÉDIA NA CONQUISTA DA AMÉRICA (*).



O propósito que me animou a escrever o presente ensaio não foi tanto o de esclarecer os membros desta Academia sôbre algum ponto concreto, como o de chamar sua atenção para o estudo de um grande número de sobrevivências medievais que se encontram dispersas na história colonial e independente da América Latina e para as quais, por razão inexplicável, se tem dado pouca ou nenhuma atenção. Para o medievalista constitui experiência grata e fascinante o dar-se conta da continuidade natural que existe entre a Idade Média européia — e especialmente a Idade Média espanhola — de um lado, e as primeiras instituições e a incipiente vida cultural das colônias ibero-americanas, de outro. Como espero provar, a Idade Média encontrou sua última expressão neste lado do Atlântico onde ainda foi possível encontrar, depois do término do período medieval na Europa, um clima apropriado para a floração de ideais medievais; êste clima continuou a existir ainda por muito tempo na Nova Espanha, enquanto que, ao mesmo tempo, na Europa, a Reforma Religiosa e o chamado Renascimento Italiano iam destruindo os modos de vida sôbre os quais se havia assentado a Cristandade medieval.

Embora o pensamento renascentista tivesse importância na gestação das primeiras culturas latino-americanas, e embora vários conquistadores, especialmente Cortés, fôssem “homens do Renascimento” em seu pronunciado amor pelas coisas visíveis e materiais: riqueza, fama, grandeza, não é menos certo também, que o curso inicial da vida latino-americana foi grandemente influenciado por velhas correntes medievais que na Espanha, a terra da eterna cruzada, se conservavam mais enraizadas e vivas do que no resto da Europa cristã. Isto não é surpreendente: obrigada a permanecer em atraso, na evolução da Europa, devido ao incessante batalhar de sua história, a Espanha alcançou, mais tarde do que qualquer outro país na Europa ocidental — com exceção de Portugal — o florescimento de sua cultura medieval. Dêste modo, a Espanha se encontrou em posição de transmitir à América,

(*) . — Ensaio lido pelo autor na vigésima quinta reunião anual da *Medieval Academy of America*, realizada na cidade de Boston, Massachusetts, Estados Unidos, nos dias 14 e 15 de abril de 1950 e transcrito, gentilmente da *Revista Filosofía y Letras* n.ºs 45-46, de 1952, México. Aqui apresentamos à citada revista os nossos agradecimentos. Texto espanhol traduzido por Anna Leonísia Ferreira Aratanga (E. Simões de Paula).

muitas de suas criações medievais, não como tradições moribundas, mas como produtos vivos. Não houve um outono da Idade Média na Espanha como o houve nos séculos XIV e XV no resto do continente europeu: a Espanha em si mesma, é o outono da Idade Média nos primeiros séculos de sua história moderna, quando, ante intransponíveis obstáculos trata de manter vivos os ideais medievais, como aquêles que encontraram sua expressão na *Ecclesia Universalis* e no Império universal. A concepção do Império Universal, a Companhia de Jesús, a nova mística de Santa Teresa de Ávila e de São João da Cruz, a nova escolástica de Vitória e Suárez, a novela cavaleresca, o romance e o teatro, foram frutos tardios que o espírito medieval espanhol produziu em plena Idade Moderna (1).

Cristovão Colombo, o primeiro élo entre o Velho e o Novo Mundo, aparece talvez ante luz mais clara, se o considerarmos não como o primeiro dos exploradores modernos, mas como o último dos grandes viajantes medievais. Embora não haja dúvida alguma sôbre o fato de que concepções renascentistas exerceram influência no pensamento colombino, pode-se afirmar de qualquer maneira, que êste homem, o herdeiro espiritual de Marco Polo, foi impellido por enigmas e por mistérios geográficos medievais para a exploração de novas rotas de navegação. Não foi baseado nos escritos de Marco Polo (Colombo levou consigo os escritos do grande veneziano em sua primeira viagem) (2) embora com o adicional estudo de obras mais novas, que Colombo zarpuu para a busca dessas ilhas fabulosamente ricas, colocadas defronte à costa da Ásia, descritas com tanta imaginação e pormenores pelo viajante veneziano medieval? Além disso, outras lendas medievais que falavam da existência de ilhas para o Ocidente, lendas comuns na época do Descobridor e conhecidas por êle, em parte o impeliram à organização de suas viagens de exploração. Antília (daí nosso nome moderno de Antilhas), a Ilha de São Brandão, o Brasil, a ilha das Sete Cidades, se encontravam entre essas ilhas de fábula (3). Colombo nunca foi além dessas concepções geográficas: em suas viagens, quando navegava entre as Antilhas ou costeando a terra firme americana, acreditou sempre, como nos demonstra seu diário, que visitava as numerosas ilhas que, como êle mesmo disse, constavam dos mapas no fim do Oriente, nas vizinhanças de Catai (4). Êste descobridor escreve na sua

(1). — C. Sánchez-Albornoz, "La Edad Media y América", em: *España y el Islam* (Buenos Aires, 1943), p. 182.

(2). — *De consuetudinibus et conditionibus orientalium regionum* (Amberes, 1485?). cf. S. de la Rosa, *Libros y autógrafos de Don Cristóbal Colón* (Sevilha, 1891) e H. H. Hart, *Marco Polo* (Palo Alto, Califórnia, 1942), p. 442, nota 1.

(3). — Cf. J. Kirkpatrick, *The Spanish Conquerors* (1934), p. 6, sôbre a ilha de São Brandão, cf. P. Gaffarel, *Histoire de la découverte de l'Amérique avant Colomb* (Paris, 1892), I, 205.

(4). — Navarrete, *Colección de documentos*, etc., II, p. 58. Newton afirma sem rodeios que Colombo, no que concerne às idéias geográficas, era um homem da Idade Média, e certamente muito pouco crítico; o descobrimento do Novo Mundo, foi levado a cabo com a ajuda de conceitos geográficos medievais, e não com os modernos ou com os gregos. (*Travel and Travelers of the Middle Ages*. Londres, 1949, Int., pp. 16, 18).

Carta da Quarta Navegação (5) que, em 13 de maio (de 1503) chega à Província de Mago (mencionada por Marco Polo) perto da de Catai, quando, na realidade, navegava costeando a América Central. Antes de regressar à Europa no fim de sua última viagem, Colombo escreveu ao Papa informando-o de que havia tomado posse, em nome da Espanha, de 1400 ilhas e 333 léguas do continente asiático, além de outras muito grandes e famosas ilhas. . . Esta ilha — acrescenta, referindo-se à Espanhola — é a Cítia, é Tarsis, é Ofir e Ofaz e Cipango (6). Se tais eram as convicções geográficas do Descobridor, que há, pois, de estranho no fato de que o Papado, alguns meses depois do descobrimento, dividisse estas terras, então novamente descobertas — em sua maior parte ilhas — entre a Espanha e Portugal, baseado na doutrina medieval que atribuía à Santa Sé domínio sobre todas as ilhas, curiosa teoria cuja origem remonta, conforme tratamos de provar, à “Doação de Constantino”? (7). O fato de as Bulas Alexandrinas, tão discutidas quanto mal compreendidas, se assentarem sobre o que poderíamos chamar de uma das maiores falsificações da Idade Média, impede-nos de encontrar um batismo mais medieval para o nosso continente. Esta busca das ilhas, ricas em especiarias, em pérolas e em pedras preciosas, não só fascina a imaginação de Colombo como também a de muitos viajantes e conquistadores espanhóis das décadas seguintes. Cortés se refere a elas, a suas riquezas e segredos, e a “coisas admiráveis” que ocultam em suas *Cartas de Relación* (8). Na América do Sul, Gonçalo Pizarro encabeçou em 1539 uma expedição cujo fim consistiu na localização das terras ricas em canela e em metais preciosos e que, segundo narrações contemporâneas, se escondiam atrás das montanhas, a leste de Quito (9).

Talvez mais genuinamente medieval que tudo o que precede, foi a convicção guardada por Colombo, por ocasião de sua terceira navegação, quando chegou a afirmar, sem evasivas, que havia localizado nada menos que o Paraíso Terrestre. Para justificar sua afirmação, o Descobridor nós transcreve de maneira medieval, as opiniões de São Isidoro, do Venerável Beda, do “mestre de história escolástica” (isto é, *Petrus Comestor*), de Santo Ambrósio e de João Escoto, todos êles concordes em que o Paraíso se encontrava no Oriente; a terra, afirma Colombo, tem a forma de uma pera, e o Paraíso se localiza na sua parte mais elevada. O Descobridor narra como lhe foi dado localizar o Paraíso Terrestre, depois de ter encontrado as bocas dos quatros rios do Gênesis —

(5). — C. Colón, “Carta de la Cuarta Navegación”, em: Navarrete, I, 296-313.

(6). — Kirkpatrick, *Op. cit.*, p. 34.

(7). — Weckman, *Las Bulas Alejandrinas de 1493 y la Teoría del Papado Medieval: Estudio de la Supremacía Papal sobre Islas, 1091-1493* (México, Instituto de História, 1949).

(8). — “Carta Tercera de Relación”, ed. Espasa, vol. II (1932), p. 50; ver também a Carta Cuarta, p. 116 e a Quinta, p. 244.

(9). — López de Gómara, *Historia General de las Indias*, c. CXLIII; C. E. Chapman, *Colonial Hispanic America: a History* (Nova York, 1946), p. 53.

que procediam da Árvore da Vida — quando, no transcurso de uma de suas viagens, visitou o delta do Orinoco, rio no qual acreditou ver os mananciais paradisíacos da lenda (10). O local do Paraíso é tão rico, afirma Colombo, que, com seus produtos facilmente poder-se-á equipar um exército de 100.000 homens de infantaria e 10.000 cavaleiros, com os quais se poderia realizar a velha ilusão da Idade Média, a recuperação do Santo Sepulcro (11). O Descobridor também se regozija ao pensar que encontrou novas terras, nas quais se poderia servir ao Senhor mediante a propagação de seu Santo Nome e de sua Santa Fé entre tantos povos pagãos, o que constitui sem dúvida, uma atitude tipicamente medieval (12). Noutros pormenores secundários, como por exemplo, na maneira de computar o tempo, usanças medievais aparecem tanto nos escritos de Colombo, um dos seus pilotos e nos dos membros do seu séquito, como nos diários de navegação de exploradores espanhóis posteriores (13).

*

O mundo medieval estava rodeado por um círculo de magia. Para além das terras conhecidas, existiam outras povoadas pela fantasia medieval, (que as foi beber certamente em fontes antigas, exagerando-as) por diversas classes de seres fabulosos, monstros e encantamentos tão maravilhosamente ilustrados nos *mapa-mundi* medievais: tais eram por exemplo, os gigantes, os pigmeus, os gimnosofistas, os ciopodes, as amazonas, os cinocéfalos, meninos de cabelos brancos, gente que vivia só de cheirar alimentos, seres sem cabeça e com olhos no estomago, mulheres de barba, etc., tão cuidadosamente descritos por São Isidoro, ao lado de dragões, grifos, o Mar das Trevas e a Terra do Preste João. Depois do descobrimento da América, quando os exploradores dos séculos XV e XVI aventuraram-se ao que eram então os limites do mundo, era de se esperar que mais cedo ou mais tarde haveriam de encontrar alguns desses seres míticos, cuja existência fôra posta fora de dúvida por um grande número de escritores e viajantes da Idade Média. No começo da história da América Latina, ocupa um lugar especial a busca das amazonas, mulheres fabulosas que exerceram por muito tempo grande fascinação na mente dos conquistadores espanhóis, deixando lembrança imorredoura no nome

(10). — Colombo, "Carta de la Tercera Navegación", em: Navarrete, I, 242-264. Segundo Cosmas, o Paraíso se encontrava situado "para além do Oceano" (ed. Mc Grindle, Hakluty Society, 1897, p. 33). Os quatro rios do Paraíso, que emanam da árvore da vida são chamados: Geon, Phison, Tigris e Eufrates, por um escritor anônimo do século IX (em: *Geogr. Graeci Minores*, ii, 513); cf. M. L. W. Laistner, *The Decay of Geographical Knowledge and the Decline of Exploration*.

(11). — Champman, *Op. cit.*, p. 30; Kirkpatrick, *Op. cit.*, p. 4-5.

(12). — Colombo, "Carta de Tercera Navegación", *loc. cit.*

(13). — Por exemplo, "o primeiro domingo, depois de Todos os Santos", em vez de "3 de novembro, (de 1493)", tal como o escreve Diego Alvarez Chanca, médico de Colombo (Navarrete, I, pp. 198-224).

do rio mais caudaloso do continente, como também no da província mais setentrional da América Espanhola, a Califórnia. Durante o curso de sua segunda navegação, Colombo já se referia a uma certa ilha, Madanina, habitada segundo narravam os índios, por mulheres solitárias, informação que é registrada com sobriedade e ceticismo pelo historiador das Índias (14). Cortés em uma carta ao Imperador, enviada em 1524, refere-se ao que hoje constitui a baixa Califórnia — aparentemente uma ilha e nessa época ainda não visitada pelos espanhóis — dizendo que era povoada somente por mulheres, que, de tempos em tempos, recebiam a visita de homens de terra firme; da descendência, produtos daquelas visitas, somente as meninas eram conservadas na ilha, pois as mulheres se recusavam a ficar com os meninos (15). O próprio nome de Califórnia origina-se talvez de uma ilha do Amazonas, governada pela Rainha Caláfia, mencionada em *Las Sergas de Esplandián*, uma novela espanhola da cavalaria, que se segue ao famoso *Amadis de Gaula* (16). No mesmo ano, Cortés prepara seu lugar-tenente e primo, Francisco Cortés, para que vá à província de Colima, em busca dessas famosas mulheres cuja existência era ali acusada por insistentes rumores (17). Quando o arbitrário e despótico Nuno de Guzmán quer fugir da justiça régia por sua infame conduta como presidente da primeira Audiência, encabeça uma expedição para o Noroeste do México com a esperança de localizar a Cihuatlán, o reino das amazonas, e dessa maneira encontrar alguma justificação perante os olhos de seu indignado soberano (18). Em data ainda anterior, em 1518, Juan Diaz acusa a existência de amazonas na “ilha” de Iucatã (19). Outros conquistadores vão em busca dessas esquivas mulheres, em todos os rincões da América: na Colômbia (20), na região do Prata (21); um secretário do Conselho Real que viajavam pela América do Sul, e Pedro de Valdívia concordam em que as amazonas vivam no Chile (22). Finalmente Orellana diz tê-las visto às margens do rio que hoje tem o nome de Amazonas (23).

As amazonas, apesar de seus atrativos, não monopolizaram a atenção e o espírito aventureiro dos conquistadores: acreditava-se também, como nos conta Diego de Ordaz nos princípios do sé-

-
- (14). — Pedro Mártir de Anglería, *Décadas*, I, ii, 3; VII, viii, I; VII, x, 3.
(15). — Hernán Cortés, *Cartas de Relación*, ed. Espasa, vol. II (1932), pp. 84-85.
(16). — Chapman, *Op. cit.*, p. 43; sobre outra teoria da origem do nome “Califórnia”, cf. R. Putman e H. I. Priestley, *California: The Name* (Berkeley, 1917).
(17). — “Instrucciones”, em: *Colección de documentos inéditos de descubrimientos y conquistas en América*, vol. XXVI, p. 153.
(18). — Cf. “Tercera relación de la jornada de Nuño de Guzmán”, em: J. García — Icazbalceta (ed.), *Documentos para la historia de México*, vol. II, (1866), p. 451.
(19). — H. R. Wagner (ed.), *The Discovery of New Spain in 1518 by Juan de Grijalva* (Pasadena, 1942), pp. 22, 207.
(20). — “Relación del descubrimiento y conquista del nuevo reino de Granada”, de J. de San Martín e A. de Lebrija, cit. por I. S. Leonard, *Books of the Brave* (Cambridge, Mass., 1909), p. 57.
(21). — *Ibidem*, p. 61.
(22). — *Ibidem*, pp. 62-63; Gomara, *Historia General de las Indias*, c. CXLII.
(23). — Leonard, *Op. cit.*, p. 58.

culo XVI, na existência de gigantes que viviam ainda por êsse tempo, nas Antilhas (24). O ambicioso governador de Cuba não só acredita na existência das amazonas, como também na de seres estranhos, uns com orelhas enormes e outros com caras de cachorro, e espera que Cortés os descubra no transcurso de sua expedição (25). Em Cibau, parece também que havia seres humanos adornados de caudas (26); em outras regiões, pessoas que não possuíam um só fio de cabelo (27). Entretanto, em meados do século XVI, segundo uma velha lenda, um dragão aterrorizava os habitantes da pacífica Puebla, até que êsse monstro foi morto por um valente cavaleiro e a memória dessa façanha ainda se encontra viva na velha "casa do que matou o animal", nessa cidade. Embora seja certo que alguns dos exploradores deixem transparecer sua decepção por não terem encontrado os monstros que esperavam ver (28), algumas dessas criaturas míticas permaneceram como elementos decorativos na criação artística da primeira época da América Latina, como as quatro figuras dos cinocéfalos que adornam a fonte do convento franciscano de Tepeaca em Puebla (29).

A Fonte da Eterna Juventude é outro desses mitos fascinantes que impelem ao descobrimento os primeiros navegantes espanhóis da América. Pedro Mártir de Anglería, o proto-historiador do Novo Mundo, fala ligeiramente dela, dizendo que algumas informações a colocam em alguma parte do Caribe, embora, como genuíno renascentista, o autor expresse seu ceticismo sobre a existência dessa fonte (30). López de Gómara também a menciona, embora não aceite nem repudie a veracidade da informação (31); mas o velho e experiente Ponce de León — talvez devido a sua idade — não duvida um só momento de sua existência e parte a sua procura, depois de ter sido informado que poderia ser encontrada em uma certa ilha denominada pelos nativos de Bimini (32).

Outras das lendas mais discutidas dessa primeira etapa da exploração americana, são as que falam do El Dorado e das Sete Cidades de Cibola. El Dorado era o governante de um reino tão rico, que seus súditos o cobriam tôdas as manhãs com pó de ouro,

(24). — Pedro Mártir de Anglería, *Décadas*, V, ix, 4.

(25). — *Colección de documentos inéditos para la historia de España* (Madrid, 1842-1895), vol. I, p. 403, c. 28, cit. por Leonard, p. 46.

(26). — Colombo, "Carta de la Primera Navegación", em: Navarrete, I, 167-175.

(27). — *Ibidem*.

(28). — Colombo por exemplo escreve: "Nestas ilhas, até agora, não encontrei homens monstruosos, como muitos esperavam", *loc. cit.*

(29). — M. Toussaint, *Historia del Arte Colonial en México* (1948), p. 51.

(30). — *Décadas*, II, X, 2.

(31). — *Historia General de las Indias*, c. XLI.

(32). — Cf. L. Olschki, "Ponce de León's Fountain of Youth: History of a Geographical Myth", em: *Hispanic American Historical Review*, XXI, (1941), iii, pp. 361-368. Entre outros escritos da Idade Média, a Fonte da Juventude é mencionada pelo Pseudo-Mandeville (ed. Hamelius, i, 202-203) e na carta apócrifa do Preste João ao imperador de Constantinopla e atribuída ao arcebispo Cristiano de Mogúncia, chanceler de Frederico Barbarroxa (cf. Sir E. Denison Ross, "Prester John and the Empire of Ethiopia", em: A. P. Newton, *Travel and Travelers of the Middle Ages*, 1949, pp. 174-178, especialmente p. 176).

retirando-o à noite para que êle pudesse passá-la confortavelmente; na manhã seguinte a operação era repetida com novo pó de ouro, e assim continuamente, o que dava uma idéia da riqueza do seu reino (33). As Sete Cidades de Cibola e Quivira, haviam sido fundadas por sete bispos medievais que fugiram da Espanha com seus rebanhos, quando os árabes entraram na Península; a crença de que essas cidades podiam estar localizadas nalguma região da América, levou, em última instância, como é bem sabido, ao descobrimento do que é hoje a região sudeste dos Estados Unidos com a expedição de Vázquez de Coronado (34).

Também a velha controvérsia sôbre se os antípodas existem ou não, encontra cabimento nos escritos dos primeiros historiadores da América. López de Gómara em sua *História Geral das Índias*, cujos primeiros sete capítulos são medievais em forma e em espírito, mede as razões oferecidas pelos Padres da Igreja e pelos autores antigos a favor e contra a existência dos antípodas; e após cansativas citações de Lactânio, de Santo Agostinho, de Santo Isidoro e de muitos outros, o autor finalmente conclui que é possível que os antípodas vivam no Novo Mundo (35), depois do que, com aparente falta de método, passa a discutir sôbre a crença dos islandeses que acreditam que o Purgatório se encontra sob o solo de sua ilha (36). Entre êste grupo de seres fabulosos com os quais a imaginação dos espanhóis povoou a América, o próprio diabo tem um lugar reservado: segundo as informações de López de Gómara, o Diabo é o deus principal de uma certa ilha do Mar do Caribe, onde aparece e “também fala” a seus adoradores (37). Para neutralizar essa nefasta aparição, encontramos o Apóstolo Santiago, o santo padroeiro da Espanha, combatendo ao lado dos conquistadores nas lutas contra os índios (38). Sem dúvida alguma, o Novo Mundo era no século XVI, a terra de maravilhas por descobrir, de mistérios para serem revelados, terra — como dizia Colombo —, de Alfa e de Ômega, onde o sol se punha e se levantava (39), o princípio e o fim do orbe terráqueo.

O fato de que o espanhol do século XVI se inclinava naturalmente a crer na existência de tais maravilhas, pode ser em parte explicado em virtude dos romances de cavalaria, parcialmente desacreditados no resto da Europa, conservarem ainda sua popularidade entre os leitores da Península. Fernando Colón, filho do Descobridor, encabeça a lista dos próceres americanos que se sen-

(33). — Cf. Chapman, *Op. cit.*, p. 54.

(34). — Cf. Chapman, *Op. cit.*, p. 43, e H. E. Bolton, *Coronado; no tempo de Henrique o Navegador*, esta lenda estava em voga: cf. a “Historia de la vida y acciones del Almirante Cristóbal Colón, escrita por su hijo Fernando Colón”, nas *Voyages de Churchill*.

(35). — *Historia General de las Indias*, c. IV.

(36). — *Ibidem*, c. XI.

(37). — *Ibidem*, c. XXVII.

(38). — Cortés, entre outros, “viu” o Apóstolo São Tiago lutando a seu lado: “Carta Tercera de Relación”, ed. Espasa, vol. I (1942), p. 218; vol. II (1932), p. 31; “Carta Quinta de Relación”, vol. II, p. 190.

(39). — Pedro Mártir de Anglería, *Décadas*, I, iii, 3.

tiam atraídos por esta espécie de leitura (40). Quando o exército de Cortés, após uma marcha extenuante, finalmente alcança a cidade de Tenochtitlán, estranha a formosa, refletindo suas côres no espelho do lago ao lado do qual se erguia, Bernal Díaz, o soldado cronista da expedição, comenta simplesmente: “Ficamos maravilhados e nos dizíamos que tudo aquilo era puro encantamento, como os que são narrados nos livros de Amadis” (41); depois disto o exército dos conquistadores entrou na capital azteca com tôda a pompa e esplendor de uma hoste medieval. Em época posterior, quando um soldado rebelde do Prata, é condenado à morte, o réu não encontra melhor maneira de expressar sua revolta e seu ressentimento pela pena que lhe foi imposta, a qual atribui não à justiça mas à tirania, que o de expressar sua esperança em um futuro melhor no qual tais coisas não mais se sucederão, quando fôr instaurado o govêrno dos Doze Pares, uma referência à *História de Carlos Magno e dos Doze Pares*, novela da cavalaria publicada na Espanha pela primeira vez (e êsse fato é revelador) em 1525 (42).

Em alguns episódios da vida civil e urbana das colônias dos primeiros tempos, especialmente na Nova Espanha, é reproduzido e continuado todo o esplendor da mais magnífica de tôdas as côrtes medievais, a dos Duques de Borgonha; isto sucedeu, por exemplo, na suntuosa ceia que o vice-rei Mendoza ofereceu em 1538 por ocasião da assinatura de um tratado de paz entre Carlos V e Francisco I, de França. Nessa ceia, as *pièces de résistance* foram gigantescos pastéis cheios de codornizes e coelhos, que ao escaparem-se quando os pastéis foram abertos, acrescentaram animação e alegria ao acontecimento. As *mises en scène*, divertimento favorito dos Duques de Borgonha para impressionar com sua magnificência e riqueza a seus hóspedes, e para divertir sua côrte, são também imitados na Nova Espanha; em certa ocasião, a maior praça da cidade de México, foi convertida em um lago, e nele se travou uma verdadeira batalha naval pela posse de uma fortaleza construída na ocasião, sôbre uma ilha artificial, todo o episódio constituindo uma representação do cêrco de Rodes pelos turcos e sua defesa pelos cristãos (43). Nada há de estranho em tudo isso, se nos lembrarmos que Carlos V, (nascido em Gante, isto é, nas terras dos Duques de Borgonha) era herdeiro, através de seu pai, Filipe-o-Formoso, da grandeza e da política borgonhesa.

No mundo legal e institucional das primeiras etapas da vida hispano-americana, também se encontra a miúdo, vestígios da Ida-

(40). — A. Huntington, *Catalogue of the Library of Ferdinand Columbus* (New York, 1905), cit. por Leonard, p. 21.

(41). — *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España*, c. LXXXVII.

(42). — *Anales de la Biblioteca Nacional* (de Buenos Aires), VIII, p. 124, cit. por Leonard, p. 124.

(43). — Bernal Díaz foi testemunha dessas celebrações.

de Média. No entanto, os conquistadores dêsse período se encontravam sob a influência de certos ideais, tal como o do império universal, de cujo titular do momento, Carlos V, eram apenas os servidores. O Imperador é para êles também o *dominus mundi*, o legítimo senhor do globo, por providência divina; e quando a oportunidade se apresenta, não encontram melhor razão do que esta, para pedir aos caciques indígenas, sua submissão à corôa espanhola. O caso de Francisco Pizarro e de seu conselheiro, Frei Vicente de Valverde, é típico a êsse respeito; ambos informam ao último dos incas, que êles são os enviados do Imperador e do Papa, senhores do mundo, e pedem pela bôca de seus embaixadores, que o inca se submeta à autoridade dêles (44). Na terminologia legal desta e de subseqüentes épocas, encontram-se numerosas reminiscências feudais: a concepção fantasista que considera os índios como “vassalos”, é bastante enfraquecida pela realidade (45); na concessão dos domínios com os quais alguns dos conquistadores são recompensados por sua fidelidade ao rei, verificamos que a terminologia usada nos documentos — que falam de matas, reservatórios de águas, pastagens, etc. — recorda práticas similares na Europa feudal. Quando por exemplo, Almagro e Francisco Pizarro se reconciliaram em Cuzco, após demorada rivalidade, os dois conquistadores ouviram missa juntos, depois do que, unindo suas mãos sôbre a hóstia consagrada juraram não caluniar-se mutuamente, não enviar informações separadas ao Imperador e repartir entre si fraternalmente todos os lucros da conquista. Essa cena, que lembra aquela outra famosa em que o rei Afonso VI se viu obrigado a prestar juramento semelhante perante o Cid (46) — e que foi, podemos acrescentar, igualmente ineficaz — se explica pelo fato do juramento, instituição básica da era feudal, ter sido o mais forte pilar na estrutura da sociedade; e o juramento subsiste na história americana dos primeiros séculos, com igual importância, sempre para pacificar contendas, ou para estabelecer aliança entre os conquistadores.

Os divertimentos dos espanhóis do século XVI são os da classe feudal: torneios, jogos de lanças, caçadas com falcões, etc., todos êsses presupondo uma nobreza cavalheiresca. Quando Las Casas organiza seu famoso projeto de colonização, cria uma “Ordem dos Cavaleiros da Espora Dourada”, que servia de padroeira financeira de sua aventura (47). Outros costumes, tais como o de cortar ramos de árvores, simbolizando a tomada de posse da terra e a guarda dos tesouros escondidos para o rei, nos recordam práticas comuns dos tempos feudais. O direito de contribuição que os primeiros encomendeiros pagavam ao rei em troca da isenção do serviço militar, corresponde geralmente ao direito feudal de compen-

(44). — Gomara, c. CXIII.

(45). — Cf. Sanchez-Albornoz, *Op. cit.*, p. 191.

(46). — Kirkpatrick, *Op. cit.*, p. 176.

(47). — *Ibidem*, p. 295.

sação (*scutage*). A própria *encomienda*, pelo fato de colocar um certo número de indígenas sob a proteção e guia de um espanhol, pode ser qualificada de instituição feudal, uma vez que se inspira no espírito de patronato, peculiar da organização social e política da Idade Média; mas devido a *encomienda* não importar em nenhuma concessão de terra, ficou desse modo privada da mais feudal de suas características; mesmo assim, um ilustre historiador mexicano contemporâneo, acredita ser possível buscar as origens da *encomienda* até na Espanha medieval, onde se deram fatos semelhantes aos que dominaram na Nova Espanha do século XVI, quando os reinados cristãos da Península ao estenderem-se para o Sul, iam ampliando sua tutela sobre uma nova classe de vassalos não cristãos; e esses novos vassalos, postos na guarda das *encomiendas* da Ordens Militares, nelas encontravam a garantia de seu bem-estar espiritual. Não devemos esquecer também, que as Capitânicas, ou divisões administrativas do Brasil colonial, têm grande semelhança com o tipo de organização que predominou durante a Idade Média nas ilhas dos Açores e Madeira. Da mesma maneira, a instituição medieval espanhola, do município — de origem clássica sem dúvida, mas fortalecida pelo papel importante que os habitantes dos burgos representaram na Reconquista —, o cabildo aberto, já em decadência na Espanha em princípios do século XVI, foi revivido na América pelos conquistadores desejosos de preservar para si e para seus descendentes, um poder e uma influência no governo interno das colônias (48):

*

Talvez em nenhuma esfera mais do que na da arte, seja possível encontrar na América, e especialmente no México, vestígios tão profundos da Idade Média. A arquitetura militar dos princípios do século XVI, as primeiras fortalezas e castelos construídos pelos conquistadores, com seus fossos, pontes levadiças e tórreres, como os castelos de San Juan de Ulúa e de Acapulco, são autenticamente medievais; e o mesmo se pode dizer de certas cidades cercadas de muralhas, como Campeche. No que se refere a construções religiosas, a arquitetura conventual da primeira e também da segunda metade do século XVI pode ser classificada, segundo a palavra do mais ilustre crítico da arte colonial mexicana da atualidade, como uma sobrevivência medieval. Pode-se dizer, acrescenta o autor, que os grandes templos e conventos fortificados desse período, vêm a ser a última expressão da Idade Média no mundo (49).

(48). — *Ibidem*, p. 277. Em relação às sesmarias, que foi a forma medieval de doação de terra, introduzida no Brasil depois de 1500, cf. Virgínia Rau, *Sesmarias medievais portuguesas*. (Lisboa, 1946).

(49). — Toussaint, *Op. cit.*, p. 77.

A arquitetura medieval espanhola em seus diversos estilos, gótico, mouro e românico, embora sem absoluta pureza (já que não se seguiu nenhum plano estabelecido, e contando com a contribuição artística dos índios, aliás, muito valiosa), foi transmitida abundantemente às terras americanas. Limitar-me-ei a citar brevemente alguns exemplos que tomo da *Historia del Arte Colonial en México* de Manuel Toussaint, obra que sintetiza tôda uma vida de trabalho do autor: o convento de Tepeaca (cuja construção foi terminada em 1580) “é ainda a Idade Média em tôda sua rudeza e vigor” (50). Elementos góticos medievais, ou para ser mais exato, elementos góticos-isabelinos, prevalecem ainda no convento franciscano de Zacualpa de Amilpas (51) e no convento de Yecapixtla (construído também pelos franciscanos entre 1535 e 1540), sendo êste último o monumento que conserva o maior número de sobrevivências góticas na Nova Espanha (52). Quanto à estrutura dessas imponentes fortalezas-mosteiros do século XVI, não seguem nenhum estilo arquitetônico particular, os elementos góticos se encontram concentrados na fachada e principalmente no pórtico, como ocorre no caso do convento de Huaquechula (Puebla) e onde, além disso, existe um relêvo de caráter medieval que representa o Juízo Final, e uma capela “aberta” cuja abóboda interior “representa o exemplar mais rico de tetos ogivais da Nova Espanha” (53). A fachada do convento agostiniano de Actopan possui um grande número de reminiscências góticas, entre elas o grande arco corniforme sôbre o tímpano (54). Ainda quando em alguns casos, como no de Tepoztlán (da segunda metade do século XVI), em que a fachada já é plateresca, a escultura ainda conserva um ar medieval (55). No claustro do convento de Acolman os elementos góticos-isabelinos são numerosos, e entre êles destacam-se as barras de frutos que adornam os capitéis do claustro baixo (56); a galeria superior do claustro do convento agostiniano de Cuitzeo encontra-se coroada por uma fileira de gárgulas, cada uma delas representando um monstro diferente e tendo tôdas elas um inconfundível ar gótico (57). Influências góticas também podem ser assinaladas, embora em menor número que em edifícios religiosos, na arquitetura civil (58); e exemplos adicionais podem ser multiplicados em grande escala.

A arte medieval moura também encontrou sua última expressão na América, principalmente na construção de algumas capelas “abertas” cuja edificação foi obra indispensável devido ao grande número de índios neófitos nas primeiras décadas da colô-

(50). — *Ibidem*, p. 79.

(51). — *Ibidem*, p. 88.

(52). — *Ibidem*, p. 88.

(53). — *Ibidem*, p. 82.

(54). — *Ibidem*, p. 113.

(55). — *Ibidem*, p. 95.

(56). — *Ibidem*, p. 89.

(57). — *Ibidem*, p. 91.

(58). — Tal é a casa de Mérida e a fonte pública de Texcoco, mencionadas por Toussaint, pp. 122, 126.

nia; o exemplo mais claro, da arte moura, poder-se-á dizer que é a capela real de Cholula, que de um ponto de vista arquitetônico, é uma mesquita muçulmana (59). Elementos mudéjares aparecem em algumas das fachadas de conventos do século XVI, com os desenhos geométricos que geralmente acompanham as realizações da arquitetura árabe (60), assim como também nos tetos de madeira ou azenha, e nos pilares octogonais que se encontram em alguns dos primeiros mosteiros; influências medievais árabes também estão presentes nas tôrres, nas fontes públicas e nas residências particulares da colônia, algumas dessas tendo sido construídas nos princípios do século XVIII (61).

O fenômeno talvez mais notável em relação às sobrevivências arquitetônicas medievais na América, é o da construção de igrejas e outros edifícios de tipo românico. A igreja do convento franciscano de Pátzcuaro é em sua essência, uma igreja românica espanhola que poderia ter sido construída no século XII (62).

Cornijas e capitéis romanos adornam muitas igrejas do século XVI (63). O que antecede não é tão surpreendente como poderia parecer, nem essas construções romanas na Nova Espanha são produtos artificiais e afetados, mas ao contrário, produtos de uma linha natural de evolução arquitetônica: deve-se recordar que o estilo romano deitou profundas raízes naqueles países da Europa que haviam sido, por largo tempo, províncias do Império Romano, como é o caso da Espanha e do Sul da França; nesses países, o estilo gótico representa mais ou menos uma intrusão nórdica, e neles, velhas formas e planos romanos de construção permaneceram em vigência — se bem que alterados e em decadência com o correr do tempo — e por muitos séculos: o fato da herdade espanhola do sul, seguir basicamente o plano da vila romana, a qual por sua vez é copiada na fazenda do centro e do norte do México, é uma prova eloqüente do caráter permanente que o gênio romano deu às suas construções. A povoação sem muralhas, dominada por uma igreja fortificada, com seus redutos, ameias, seteiras, tão familiares na paisagem central mexicana, encontra seu antecedente em práticas medievais dos mediterrâneos, especialmente no sul da França — país mediterrâneo

(59). — *Ibidem*, p. 81.

(60). — Elementos mudéjares sobressaem na "Casa del Judío", na casa velha da rua da Amargura (hoje, Argentina e Guatemala), na fonte mourisca de Chiapa de Corzo, etc. (*Ibidem*, pp. 122-124 e fig. 25).

(61). — Como exemplo, pode ser vista a fachada do convento dominicano de Chimalhuacán, da segunda metade do século XVI (*Ibidem*, p. 97).

(62). — *Ibidem*, p. 85 e fig. 80.

(63). — Entre outras construções onde se podem ver reminiscências românicas, basta citar a capela de Santa Gertrudes do convento dominicano de Teoscolula, os capitéis do claustro do mosteiro de Amecameca e a capela "aberta" de Tlalmanalco (*Ibidem*, pp. 97-98).

A sugestão da continuidade arquitetônica vila-herdade-fazenda, me foi dada por Don François Chevalier e faço uso dela com sua amável permissão.

e românico como a Espanha — onde se adivinham tôdas essas características (64).

A influência medieval também se encontra muito bem representada na produção escultórica e pictórica, assim como nas artes menores da colônia. Alguns elementos, tais como a escultura decorativa, púlpitos, relevos em madeira, marcos de portas, janelas circulares, mísulas, ornamentos vários nas fachadas têm ainda um sabor medieval; e algumas das representações humanas tais como cenas de caçada, são sem dúvida copiadas de tapetes flamengos e franceses do século XV (65). Trabalhos em ferro em estilo gótico, e outros em várias classes de metais que acusam a mesma origem, são muito numerosos nas primeiras décadas coloniais: muitos cálices, castiçais com arandelas, báculos, pregos, aldravas e grades de ferro revelam uma ascendência gótica (66).

A atmosfera cultural da Nova Espanha do século XVI, representa em muitos aspectos, um desdobramento da Espanha medieval (67). Nos colégios, e principalmente na Real e Pontifícia Universidade — cujas constituições e organização foram copiadas das de Salamanca, e onde os graduados davam a cada membro do claustro depois de sua admissão, “seis galinhas gordas, quatro libras de carne e um par de luvas” , — São Tomás de Aquino e Duns Escoto reinaram soberanos, pelo menos até o século XVIII. No tempo de Carlos de Sigüenza e Góngora, a Universidade do México, em sua estrutura e *curriculum*, era ainda uma sobrevivência curiosa e interessante do medievalismo europeu (68). Os primeiros historiôgrafos mexicanos, assim como os primeiros historiadores espanhóis da América transcreveram nos seus escritos material de fontes anteriores sem dar-se ao trabalho de informar que era material copiado, prática característica dos cronistas medievais. Creio que existem traços de franciscanismo espiritual nos ensinamentos e escritos de Frei Pedro de Gante, fundador da Igreja Mexicana; e, finalmente, os concílios desse período foram um eco dos que se celebraram na Europa medieval.

Antes de concluir este ensaio, que de nenhum modo pretende se considerar completo porque trata somente de mostrar a existência de um campo de estudo potencial, enumerarei outros fenômenos da vida do México colonial e independente, que devem ser considerados como sobrevivências da Idade Média. Uma investigação mais detalhada sobre eles, será sem dúvida um fator muito importante no esclarecimento dos poderes vitais que se escondem em mais de uma instituição ou idéia medieval, e que

(64). — C. Kuebler, *Mexican architecture in the XVIth century*, vol. I (1948), p. 95. Devo a meu amigo Sr. François Chevalier a informação sobre a semelhança entre a vila romana, a herdade espanhola do sul e a fazenda mexicana, e uso essa informação com sua amável permissão.

(65). — Cf. Toussaint, *Op. cit.*, pp. 47, 48, 50 .

(66). — *Ibidem*, pp. 57, 58, 60, 61.

(67). — J. T. Lanning, *Academic Culture in the Spanish colonies* (1940), p. 51.

(68). — I. A. Leonard, *Don Carlos de Sigüenza y Góngora* (Berkeley, 1929), p. 182.

Ihes permitiu sobreviver sua época e seu meio, não como meras antigualhas, mas cheios também de energia e de possibilidades criadoras.

A teologia foi considerada nos dias da Colônia e posteriormente até os dias da Reforma, como soberana e pináculo dos estudos universitários, e as *Sentenças* de Pedro Lombardo constituíam nesse campo, texto sem contradição; o latim continuou sendo até os tempos do rei Fernando VI, o idioma obrigatório da cultura universitária para todo o mundo espanhol (69); e, ao estudo do latim, se acrescentou o das línguas indígenas e orientais como resultado, segundo creio, do impulso dado nessa direção durante a Idade Média, pelo santo orientalista Raimundo Lúlio. O poder da influência da Igreja no México colonial — e também nas primeiras décadas da independência — especialmente as das ordens mendicantes, só têm paralelo na história medieval da Europa; de fato, um notável historiador mexicano contemporâneo afirmou, não sem exagero, que a história do México colonial é a história da Europa medieval sem a luta das Investiduras. Festividades religiosas, as festas por excelência do povo até o século XIX (e até certo ponto ainda hoje em dia nas zonas rurais), combinaram em muitos casos, propósitos cristãos com cerimônias pagãs num processo de sincretismo que o gênio da Igreja já havia estimulado na Europa no período que se seguiu às invasões germânicas. A velha prática da Igreja na Europa, animada entre outros, por São Gregório Magno, de construir santuários cristãos no lugar ocupado anteriormente por templos pagãos, se repetiu no México, onde mais de uma igreja se levanta hoje sobre as ruínas de uma pirâmide indígena. O teatro religioso, especialmente o celebrado nos átrios das igrejas, lembra também costumes que prevaleceram na Idade Média. E' bastante significativa a preponderância de temas religiosos na pintura, na arquitetura e na escultura (sendo a escultura auxiliar da arquitetura), como também o é a notável atividade dos miniaturistas no século XVI e das éras posteriores. A Inquisição só foi suprimida no México, como é sabido, nos princípios do século XIX. A intensa devoção para com a Virgem Maria que, ainda hoje, é a forma prevalente do culto cristão no país, era muito do agrado de São Bernardo de Claraval (70).

A idéia medieval do direito domina a vida institucional e política da colônia, onde o direito natural reinou soberano, pelo menos em teoria. Quando uma ordem real recebida da Espanha contradizia esse direito, o mandato real não era cumprido; essa era, segundo creio, a explicação para o curioso costume dos Vice-

(69). — Chapman, *Op. cit.*, p. 197.

(70). — Podemos lembrar que essa espécie de devoção encontrou também sua efetivação na Guerra da independência, cujo caráter de guerra civil ficou patente pelo fato de que, enquanto os rebeldes hasteavam o estandarte da Virgem de Guadalupe, as tropas do vice-rei se acolheram sob o da Virgem dos Remédios.

reis, que, ao receber uma ordem régia que contradizia os princípios do direito natural, ou os costumes aceitos na Nova Espanha, colocavam o documento sobre a cabeça e acrescentavam: "Obedeça-se, mas não se cumpra" (71); o problema da submissão dos índios e o do estatuto de sua propriedade, foi discutido sobre a base das doutrinas que a respeito sustentaram os grandes teólogos e canonistas da Idade Média.

Formosas lendas, tal como a que atribui à intervenção manual dos anjos a terminação das tôres da catedral de Puebla, aparecem aqui e ali na história e na tradição coloniais. As Ordens Militares encontraram estabilidade no solo mexicano e desempenharam papel importante na conquista e na colonização de muitas áreas do país, sendo também elemento de primordial importância na estruturação da sociedade colonial; a nobreza territorial do México colonial e sua sucessora nos dias da Independência, a classe dos latifundiários (conservadores ou liberais) dominaram praticamente a vida econômica do país; e a êsse respeito deve-se lembrar que as condições de vida do camponês eram muito semelhantes às dos servos medievais, e que o último grande ataque contra os latifúndios foi levado a cabo há uns treze anos apenas.

Na nomenclatura geográfica da América Latina, há grande ocorrência de nomes religiosos que vão desde a cidade de Nossa Senhora da Assunção e o Pôrto do Triunfo de Santa Cruz, até o promontório das desgraçadamente ilusórias Onze Mil Virgens (72). Ainda em nossos dias, nomes tipicamente medievais, abandonados também pela própria Europa, são usados profusamente entre as classes rurais do México, possuindo alguns de seus membros uma dicção castelhana que corresponde ao século XVI: inclusive um de nossos últimos Presidentes que possui o belo nome medieval de Abelardo e que lembra o Pai do Racionalismo e o monge trágico do século XII (73). Um estudo comparativo entre as corporações medievais e as da Nova Espanha (cujas *Ordenanzas*, etc., foram publicadas recentemente por Sílvio Zavala e Maria Castelo), promete resultados interessantes. Em relação com o que já foi dito, a importância das feiras (realizadas geralmente nos átrios das Igrejas) (74) como meio de distribuição de riqueza, corresponde ao modo de viver da economia européia

(71). — Encontra-se um antecedente dêste fato no direito medieval espanhol onde existia a fórmula de apelação "do rei mal informado ao rei melhor informado".

(72). — A primeira cidade construída pelos espanhóis na América foi o forte da Natividade (Navidad) do Senhor, em 1492, na Espanha. Outros nomes geográficos, entre dezenas de milhares que podem ser mencionados, e em que se recorreu à nomenclatura religiosa são: Villa Rica de la Vera Cruz, o Cabo Gracias a Dios, Nombre de Dios (Panamá), Santa Fé de Bogotá (Colômbia), o Puerto del Triunfo de la Cruz (Honduras), Nuestra Señora de los Angeles, etc.

(73). — Outros nomes grandemente usados na Idade Média e que ainda são profusamente usados no México, muito mais do que na própria Europa, são: Eufêmia, Lázaro, Constantino, Toríbio, etc.

(74). — No México, as feiras de Acapulco e Jalapa eram realizadas no átrio da Igreja; no Sul, a feira de Portobelo foi muito famosa.

medieval; o mascate, figura familiar da Idade Média, ainda é encontrado em algumas zonas rurais do México.

Em resumo, como já declarei a esta Academia, o estudo das sobrevivências medievais constitui um campo fascinante, mesmo sob um duplo ponto de vista: em primeiro lugar, tais sobrevivências estudadas de *per se*, nos proporcionam elementos para uma melhor apreciação dos primeiros capítulos da história do Novo Mundo, e das correntes e evoluções posteriores que delas se originaram e que ainda hoje podem ser sentidas; e, em segundo lugar, tais sobrevivências servem para uma melhor apreciação da vitalidade intrínseca e do caráter permanente e universal de idéias e práticas medievais, que puderam sobreviver a sua própria época e a seu mundo próprio, para vir a florescer de novo, num clima diferente, para além dos mares, nesse Novo Mundo, que, de certa maneira, veio a ser a realização de expectativas medievais.

LUÍS WECKMAN